

Auto-identificação, identidades e adaptação

Pierre Tap¹ & Florence Sordes-Ader²

Capítulo publicado em Cyril Tarquinio & Elisabeth Spitz (dir) *Psychologie de l'adaptation* ed De Boeck 2012, pp. 143-172

Introdução

Neste capítulo, centrar-nos-emos na questão da adaptação psico-social do actor individual. Tivemos ocasião de mostrar noutros locais que a adaptação deve ser associada à dinâmica da socialização, em particular à inserção social e integração do indivíduo³, mas também à *capacidade da pessoa de se desenvolver de forma sustentável (personation)*⁴. A verdadeira integração não pode ser confundida com a assimilação que envolve a perda da identidade anterior. Pode ser idealmente definida como "a articulação harmoniosa de diferenças e semelhanças entre parceiros autónomos e activos, cooperativos e conviviais"⁵. Mas a adaptação social não pode ter lugar se o indivíduo não se desenvolver como uma pessoa que é reconhecida e respeitada pelo que é ou está a tornar-se. O actor social só procura adaptar-se ao seu ambiente social, integrar-se nele, se tiver a sensação de poder realizar-se ali, não só através da satisfação dos seus desejos, mas também através da liberdade de *trabalhar em benefício do seu próprio povo, ou seja, de transformar tal e tal aspecto da realidade externa, física ou social, de acordo com os seus próprios projectos, ou com os projectos do grupo a que pertence. Adaptação, sim, mas com vista ao auto-realização, e uma transformação do estado actual de equilíbrio ou do modo actual de adaptação, uma transformação que ele deve antecipar no momento do possível. É verdade que o indivíduo pode ser confrontado com situações extremas, tais como o campo de concentração nazi experimentado e analisado por Bettelheim*⁶, envolvendo trabalho de sobrevivência, a necessidade de enfrentar o impensável. Como aponta Gustave-Nicolas Fisher, "a situação extrema refere-se à ideia de uma prova extrema que mergulha no sofrimento e na desgraça, *empurrando as faculdades de adaptação ao limite*. Contém uma dimensão de violência no sentido de que é uma convulsão radical que abala uma vida e a precipita num abismo do qual não é fácil sair"⁷. Evidentemente, deve ser feita uma distinção entre situações extremas voluntárias (desporto, desafios científicos de sobrevivência, etc.) e as impostas pelas circunstâncias (doença, pobreza extrema, rupturas emocionais, etc.). Nestas situações, o indivíduo pode experimentar desconfiança e distanciamento dos outros

1 Professor Emérito da Universidade de Toulouse-Le-Mirail. www.pierretap.com

2 Docente na Universidade de Toulouse-Le-Mirail.

³ Ver em particular Vanandruel, 1991, Tap, 1991,

⁴ O termo "personalização", que a equipa de Toulouse propôs (e ainda propõe) no sentido de "desenvolvimento da pessoa", é hoje utilizado no marketing para falar de dispositivos de consumo que devem estar mais próximos dos clientes. O termo "personação", proposto há muito tempo por Racamier (1965), parece mais apropriado se o associarmos à ideia de que o desenvolvimento da pessoa é "duradouro", ou seja, ao longo da vida, e não limitado à infância e adolescência;

⁵ Torneira, P. 1991, p.5

⁶ Bettelheim, 1972, 1979

⁷ Fisher, G.N. (1994), p.21

ou da sua própria fragilidade num contexto em que a conformidade e a obediência à autoridade dominam. Mas o indivíduo pode também encontrar dentro de si a força para reagir, para recusar pressões sociais, morais e profissionais. Fisher compara esta força interior a uma "mola invisível", "que se dobra sem se partir necessariamente; é uma metáfora para o homem que cede sem se enfraquecer sempre, que se demite sem ser necessariamente destruído, que obedece sem necessariamente abdicar, que é dominado sem ser absolutamente submisso" (*op.cit.* p.248).

A integração social significa, entre outras coisas, a submissão às normas. A submissão pode ser social e pessoalmente útil, mesmo que a "submissão voluntária" seja uma questão de debate. Mas até que ponto a submissão é *apropriada* (social e moralmente *aceitável*) ao ponto de o indivíduo *se poder apropriar dela (torná-la sua)* para avançar na sua vida e dar sentido às suas práticas? Damasio afirma, por exemplo, que "a submissão pode desempenhar um papel muito útil na obtenção de acordo e consenso durante um conflito, (mas também) pode encorajar a cobardia face à tirania e à queda de todo um grupo através de uma simples sobre-obediência". ⁸

Estratégias de stress e de sobrevivência de pessoas em situações difíceis

A equipa de Toulouse tem trabalhado extensivamente em estratégias de combate ao stress e de combate à⁹doença¹⁰, à insegurança económica ¹¹e ao *esgotamento*¹². Além disso, com base no desenvolvimento da Escala de Auto-Estima de Toulouse ¹³, pudemos discutir a validade da hipótese da auto-estima como moderador do stress. Juntamente com Baumeister et al (2003), acreditamos que a elevada auto-estima pode ser associada ao stress e aos problemas de saúde. Mostrámos, por exemplo, que as mulheres que fumam têm um nível de auto-estima mais elevado do que os grupos de homens (fumadores e não fumadores) e não fumadores, mas também são mais stressadas do que as pessoas destes outros grupos (Tap et al. 2003, 2004).

Uma vez que a maioria dos capítulos deste livro tratam de estratégias de enfrentamento e de estratégias de sobrevivência, faremos apenas algumas observações sobre a sobrevivência e depois visitaremos outras áreas do conhecimento, neuropsicologia, psicologia social, filosofia social e ética. Estes desvios permitir-nos-ão analisar as ligações problemáticas entre a adaptação dos seres humanos às suas condições de vida e o seu comportamento, em relação a si próprios, ao seu "eu" ou "identidade pessoal", bem como ao seu ambiente de vida.

As actividades de enfrentamento são geralmente referidas como "estratégias de enfrentamento" para lidar com o stress, o que implica controlar tanto a situação problemática como as emoções que esta situação provoca na pessoa stressada (Graziani e Swendsen, 2005; Dumont e Plancherel, 2001).

Uma primeira observação diz respeito à própria noção de "estratégia", que teve origem no domínio militar e é hoje em dia utilizada principalmente no domínio económico. Implica a utilização de múltiplas tarefas e actividades mentais orientadas para um objectivo, para a

⁸ Damasio, A.R. 2003 p. 167

⁹ Esparbès et al. 1993; Sordes-Ader et al. 1997; Tap et al. 1996, Tap et al. 2005, etc. ver www.pierretap.com

¹⁰ Por exemplo: sobre o cancro: Sordes-Ader, 1996. Sobre a SIDA: Torneira e Levêque, 1996, etc.

¹¹ Ver Tap e Vasconcelos, 2004; Sordes-Ader, Tap e Vasconcelos, 2004; Sordes-Ader e Tap, 2002, etc.

¹² Ver Pronost e Tap, 1996; Tap e Pronost, 1996; Pronost e Tap 1997

¹³ Ver Tap et al (2004b, 2005, 2006, etc.), Vasconcelos et al (2005), etc.

resolução de um problema durante um período de tempo mais ou menos longo. ¹⁴Trata-se, portanto, de comportamentos complexos e inventivos que estão longe de processos do tipo estimulante-reacção e da definição clássica de adaptação.

Mas o stress e as múltiplas emoções que o acompanham podem provocar tanto "reacções impulsivas" com efeitos imediatos como "tácticas" centradas num curto espaço de tempo, ou estratégias com efeitos mais distantes. Pode, portanto, verificar-se que o enfrentamento envolve actividades de complexidade variável; que envolve a coordenação de processos cognitivos, afectivo-emocionais e conotativos (motivações, tendências para agir, preparação para a acção). Além disso, as actividades (mentais ou comportamentais) podem ser experimentadas ou percebidas como adaptativas se o seu objectivo (reduzir o stress ou resolver o problema que causou o stress) for alcançado (resultado funcional), ou como maladaptativas se o objectivo não for alcançado e as dificuldades forem aumentadas (resultado disfuncional). Assume-se que as teorias adaptativas são válidas tanto para organismos simples como complexos. O conceito de adaptação biológica é crucial, e em particular a teoria de ataque - voo, controlo - retirada. Evidentemente, nos seres humanos, encontramos comportamentos de níveis de adaptação muito diferentes, que envolvem, dependendo do caso, processos mais ou menos complexos de sensibilização, tomada de decisões, escolha de orientação, etc.

No que diz respeito aos aspectos empíricos associados à avaliação das estratégias de sobrevivência, o desenvolvimento da *escala de sobrevivência de Toulouse* permitiu-nos notar a importância da oposição entre os processos de controlo (da situação e/ou das emoções) e de retirada, mas também ter em conta a importância dos processos relacionais e comportamentos de mediação, entre o endógeno e o exógeno. Por exemplo, os "apoios sociais" muitas vezes considerados como "recursos externos" devem também ser considerados como competências internas, através da capacidade de pedir ajuda ou de aceitar o apoio de outros. Por outro lado, a "distracção" (fuga do lugar provocador de ansiedade ou do espaço stressante) pode estar ligada à relação com outras pessoas (com ou sem apoios viciantes: álcool, tabaco, etc.). Também não devemos confundir o processo de "aceitação" da situação problemática (por exemplo, a própria doença) com o de "demissão", aprendida ou não. Vale a pena notar aqui que Martin Seligman, conhecido mundialmente pelo seu trabalho sobre "resignação erudita" e depressão (1974), é agora conhecido pela importância que atribui ao "optimismo" (2002). Isto pode ser visto como simbólico da necessidade de ter em conta processos contraditórios e paradoxais que, no entanto, se juntam no comportamento real das pessoas, particularmente quando são confrontadas com situações difíceis.

O que gostaríamos de mostrar aqui é a importância dos processos de coordenação, significado e valorização na dinâmica de adaptação, se tomarmos este termo no seu sentido mais amplo da orientação e evolução do comportamento humano sob a influência de processos, internos ou externos, que aceleram ou abrandam as aspirações individuais, que alienam, escravizam ou libertam indivíduos. Todos estes processos só fazem sentido em relação a processos cada vez mais complexos, tais como a globalização. Transformam-se temporária e espacialmente, mudando os nichos que constituem o ambiente ecológico das pessoas em causa.

¹⁴ "As estratégias são actividades pelas quais o sujeito escolhe, organiza e gere as suas acções de modo a realizar uma tarefa ou alcançar um objectivo". Envolvem "sequências de competências e conhecimentos inventados e utilizados para alcançar uma solução" (Ducret, 1991, p. 650 - 651).

Para uma psicologia ecológica

A análise das ligações entre o eu, as identidades e a adaptação requer uma nova apresentação da questão da relação entre o actor (individual ou colectivo) e o mundo físico, social e cultural em que ele vive. Esta novidade poderia situar-se no contexto de uma *psicologia ecológica*, se entendermos que este termo significa a relação entre o desenvolvimento sustentável da espécie humana, incluindo o *desenvolvimento sustentável do indivíduo*, a sua responsabilidade e interdependência com o ambiente. Esta psicologia ecológica deve, sem dúvida, ser colocada dentro de uma antropologia complexa, ela própria preocupada com a preservação do planeta, da sua fauna e flora. Isto implicaria a articulação entre o futuro do homem e o futuro da casa em que vive (sendo a ecologia a "ciência da casa"!). Como Edgar Morin escreve com razão: "A humanidade emerge de uma pluralidade e de um intertravamento de trindades: a trindade individual-espécie-espécie-espiritualidade, a trindade cérebro-cultura-espírito, e a trindade razão-afectividade, que é ela própria uma expressão e uma emergência da triunidade do cérebro humano, que contém tanto heranças répteis como de mamíferos"¹⁵.

O estudo dos processos de adaptação de um indivíduo humano exige, portanto, que tenhamos em conta o seu lugar na evolução das espécies, das espécies não cerebrais às espécies cerebrais, e portanto ao homem. Falar de psicologia ecológica é levar os psicólogos a introduzir e ter em conta vários níveis de interações: a interacção organismo/ambiente (alargada à Natureza na sua complexidade planetária: química, biológica, psicológica, sócio-cultural), interacções biológicas (inter ou intra-específicas), relações inter-humanas e a sua importância na construção do indivíduo. Apresentada desta forma, tal abertura é uma utopia paradoxalmente associada a emergências 'adaptativas', elas próprias criadas por '*homo demens*', pelo homem predador que é o único que tem o poder de mudar o mundo.¹⁶ pelo homem predador que tende a destruir os seus próprios "nichos ecológicos" e os seus semelhantes.

Muitos psicobiólogos (Gibson, Barker, Bronfenbrenner, Varela e Maturana¹⁷, etc.) guiaram esta nova sub-disciplina da psicologia ecológica à sua própria maneira. Mas parece-nos necessário estabelecer ligações, diferenças e interações entre, por um lado, a adaptação biológica e o desenvolvimento do *organismo humano* e, por outro, as adaptações e desenvolvimentos psicológicos e sociais do ser humano, como *pessoa*, como *sujeito* autoconsciente, autónomo e solidário, mas também como cidadão, face às dinâmicas conflituosas da globalização.

É efectivamente necessário ter em consideração a *dinâmica da personificação*, ou o *desenvolvimento sustentável da pessoa*, ou seja, a forma como o ser humano se desenvolve como pessoa, tomando gradualmente consciência de si próprio através da apropriação da permanência dos objectos e da variabilidade dos contextos, da natureza e dos efeitos das mudanças internas ou externas, físicas ou relacionais, mas sendo ao mesmo tempo objecto de influências, de apelos à conformidade que podem por vezes aliená-lo, reduzi-lo à submissão ou subjugação (Tap, 1981, 1988 ; Beauvois e Joule, 1981, Joule e Beauvois, 2002). A psicologia ecológica pode ter em conta modelos e práticas muito actuais, com as precauções científicas habituais. Por exemplo, o modelo e a metodologia propostos por

¹⁵ Morin, E. (2001) p.45

¹⁶ Morin, E. *op.cit.* p.107 et seq.

¹⁷ Gibson, 1977; Barker, 1968; Bronfenbrenner, 1979, 1996; Varela e Maturana, 1974, Varela et al. 1993.

Marisa Zavalloni sob o título "ego-ecologia" ¹⁸são particularmente atraentes e devem estar ligados à dinâmica adaptativa e às suas transacções de identidade. Abrem o caminho a concepções mais naturalistas e interdisciplinares, na medida em que o sistema de identidade (interno) tem uma função cultural na medida em que é utilizado pela pessoa para convencer, persuadir e deliberar. Além disso, qualquer transacção entre o mundo interno e o mundo externo facilita o diálogo e a argumentação¹⁹. Teremos de especificar a importância da argumentação na dinâmica de identidade

Além disso, muitos investigadores americanos seguiram os passos de Theodore Roszak²⁰, que propôs, já em 1992, uma "Ecopsicologia" que inclui, na análise dos processos psico-sociais, os efeitos, positivos ou negativos, dos problemas planetários e a necessidade de preservar a Natureza, ao mesmo tempo que a saúde e os espaços de vida dos seres humanos. Entre os autores que fizeram novas contribuições estão Jean Twenge (Universidade de San Diego) e as suas obras sobre o narcisismo exacerbado da Geração Y (jovens opostos à Geração X antes de 1968)²¹.

Perguntas que a psicologia ecológica deve responder sobre a adaptação em relação ao Eu e à identidade?

1. A adaptação, como processo, envolve uma interacção entre um organismo e um ambiente, entre um actor e um contexto. Mas qual é a natureza desta interacção? É uma submissão do organismo às exigências do ambiente? Ou é a primazia do organismo que impõe a sua organização interna e constrói o ambiente em que irá viver? Se a resposta a esta última pergunta for sim, até que ponto pode o homem beneficiar do ambiente sem o preservar, a fim de alcançar um "desenvolvimento sustentável"?
2. Se assumirmos uma interacção recíproca entre o interno (organismo) e o externo (ambiente), o que vem primeiro? As capacidades biológicas do organismo (com ou sem cérebro) ou as limitações impostas ou as oportunidades oferecidas pelo ambiente e que o organismo pode aproveitar (teremos de discutir a teoria de Gibson sobre as possibilidades)?
3. Os processos de adaptação de organismos simples, por exemplo, homeostasia e dinâmica de "sobrevivência", são aplicáveis a organismos complexos?
4. Qual é o lugar da consciência e da auto-consciencialização na adaptação? A resposta a esta pergunta altera a resposta à pergunta anterior?
5. A consciência e a auto-consciencialização são processos puramente cognitivos? Não é ²²?
6. A maioria dos autores compara os processos de auto-consciencialização e auto-expressão, estratégias de identidade com narrativas. As dinâmicas de identidade

¹⁸ Ver o seu último livro: Zavalloni, M. *Ego-ecologia: uma abordagem naturalista*. 2007. "O termo *ego-ecologia* foi introduzido para chamar a atenção para a especificidade dos processos de identidade que reflectem a actividade transaccional entre a pessoa e o seu ambiente sócio-cultural.

¹⁹ Zavalloni, *op.cit.*, p. 21.

²⁰ Ver Roszak: 1992, *The voice of the Earth: an exploration of ecopsychology*; e Roszak et al. 1995 *Ecopsychology: restoring the Earth, Healing the Mind*.

²¹ Ver os seus livros *Generation Me* (2006) e *The narcissism epidemic* (2009)

²² Sobre o "conatus" cf. Spinoza (*Ethics*, Paris, Gallimard, 1954. Ver também Reuchlin, M. (1990) *Les différences individuelles dans le développement conatif de l'enfant*. Paris, PUF.

estão limitadas à identidade narrativa: a identidade é estabelecida pelo facto de se dizer a si próprio? A autoconsciência só entra em jogo através da linguagem? Se criticarmos esta hipótese, e a consciência antes da linguagem? Não existem identidades que utilizam uma linguagem mais "madura" do que a narrativa?

7. Não será necessário analisar o papel da identidade na dinâmica da submissão, na violência e na agressão, na gestão de conflitos e crises?

O Eu: consciência, representação, personagens e comportamentos :

É evidentemente necessário analisar aqui a interacção entre o Self e a adaptação. Não é tão fácil definir o *Eu*, especialmente se nos mantivermos fiéis ao *Eu* anglo-saxónico. Mas de momento, se tomarmos o Eu como uma entidade global²³, notamos a dificuldade dos autores em dar uma definição que não seja "personalidade" ou "identidade". Por exemplo, Damasio afirma: "Identidade e personalidade, as duas noções que nos vêm imediatamente à mente quando pensamos no termo Self...". (1999, p.224), mas este autor adere a uma definição de identidade limitada a um reservatório estável de memórias. "Em qualquer momento da nossa vida consciente, é explicado um *conjunto coerente de registos de identidade*, fornecendo um *pano de fundo para as* nossas mentes, que pode ser rapidamente empurrado para segundo plano, se necessário²⁴. Diz-se que a personalidade é constituída por traços que constituem o "temperamento". Reuchlin também expressa a dificuldade de definir o Self: "auto-conceito, auto-imagem, auto-representação, auto-modelo? Ele vem limitar o eu em referência à sua "representação": "Em cada situação e em cada momento, um indivíduo faz uma certa representação do carácter que acredita ser e age, se tiver de agir, por referência a esta representação. Este facto intuitivamente trivial pode ser descrito como uma consciência ou conhecimento, um sentido de si próprio²⁵. Reuchlin introduz assim o seu capítulo sobre o "auto-conceito". Ele mostrará que a maioria dos autores vem rapidamente a diferenciar várias instâncias na personalidade, no Self. Antes de discutir estes casos, deve notar-se que Reuchlin utiliza as noções de 'personagens', 'crenças', 'representações' e 'acções'. Sabemos da importância que Pierre Janet deu à noção de "personagem"²⁶: "Em relação aos outros e a nós próprios, somos personagens, somos indivíduos capazes de desempenhar um papel particular"²⁷. Será obviamente necessário discutir a importância das personagens ou "*papéis sociais*" assumidos pelo Self. Estes caracteres são meramente conteúdos ou participam na estruturação e estruturação do Eu? Muitos autores confiam na internalização dos "papéis sociais" para explicar a formação do eu. Estas teorias podem ser chamadas "*teorias externas*" na medida em que se baseiam no pressuposto explícito de que o Eu é construído a partir das práticas e representações dos

²³ Existe naturalmente um perigo em confundir o Eu com a 'pessoa total'. Por exemplo, Pontalis (1975) criticou Jung por distinguir entre o Ego e o Self, mas limitando o Ego à consciência e associando o Self à totalidade da psique, "incluindo o inconsciente" (*op. cit.*, p. 281), enquanto que os psicanalistas tendem a considerá-los como "instâncias", "partes" da pessoa. Contudo, quando nos referimos à autoconsciência, autoconhecimento e auto-estima, o eu de que estamos a falar permanece pouco claro e parece ser considerado como uma entidade global.

²⁴ Damasio, A. *op.cit.*, pp. 226-227.

²⁵ Reuchlin, M. (1990) *Les différences individuelles dans le développement conatif de l'enfant*. Paris, PUF, p.59-60.

²⁶ Janet, P. () *The Psychological Evolution of the Personality* (1ª edição) 1929 Edition Chahine.

Como parte da colecção: "Les classiques des sciences sociales" Website:
http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html

²⁷ Janet, P. (1929) p. 178

papéis sociais. Os exemplos mais significativos são a teoria do 'interaccionismo simbólico' de George Herbert Mead (1934, ed. 2006) ou a teoria do 'look glass self' de Charles Horton Cooley (revisão de 1902, 1922)²⁸, frequentemente contrastada com William James que, nos seus *Princípios de Psicologia* (1890, tr.fr. 2003), refere a importância da autoconsciência, das emoções e das suas ligações com o cérebro e com os processos de atenção e concepção. Teorias internas", tais como as de William James, valorizam o organismo nas suas capacidades biológicas herdadas de auto-organização, autonomia relativa, singularidade e unificação. Por exemplo, segundo Damasio, "Shakespeare poderia usar os conflitos internos do Eu para modelar toda uma série de personagens-chave no teatro ocidental; um grande escritor como Fernando Pessoa criaria quatro figuras distintas do poeta com uma única caneta. Mas é um e o mesmo Shakespeare que terminará os seus dias na tranquilidade de Stratford, um e o mesmo Pessoa que procurará o esquecimento no álcool e morrerá num hospital de Lisboa" (op.cit. p. 227). Esta declaração está obviamente aberta à discussão: os conflitos internos e a sua tradução em termos viciantes obrigam-nos a analisar as clivagens psicológicas internas, as disfunções no auto-controlo, as variações de identidade, os processos paradoxais e a dificuldade do indivíduo em funcionar como uma "pessoa total", única e unificada! A importância desta questão na explicação dos processos adaptativos pode ser vista.

No trabalho citado, Reuchlin revaloriza a noção de 'conduta', uma noção desenvolvida no passado por Janet, Wallon, Malrieu e, com esta última, pela equipa de Toulouse do 'Laboratoire Personnalisation et changements sociaux'²⁹. A *conduta* é muitas vezes considerada como sinónimo de comportamento. É necessário diferenciá-los. Pierre Janet chamou certas acções, certas *formas particulares* de comportamento humano (expectativa, comportamentos triunfantes ou de fracasso, etc.) de *condutas*. O comportamento é suposto ser "objectivo", observável, enquanto a conduta introduz a dinâmica não visível dos mesmos comportamentos, as actividades mentais e os sentimentos antes da sua expressão. Em 1929³⁰, Janet escreveu: "O *facto psicológico* é o *comportamento* do ser vivo". O comportamento, externamente perceptível (movimentos, acções, palavras) faz certamente parte do *facto psicológico*, mas também inclui dinâmicas motivacionais, intenção, consciência, deliberação, que não são perceptíveis. Poder-se-ia dizer que *a conduta é o conjunto organizado de actividades e comportamentos mentais orientados por desejos, motivações, valores a defender e defesas a envolver*. Assim, convicções e crenças, fantasias e devaneios, linguagem interior, sentimentos de amor ou de agressão, avaliações mentais em actividades profissionais são todas operações psicológicas que permitem a articulação de representações e actos, o corpo e as comunicações sociais. *A noção de conduta refere-se à hipótese do carácter organizado, estruturado e unificado da pessoa* (Lagache, 1951). A

²⁸ A auto-imagem é, segundo Cooley, associada ao olhar dos outros, o que constitui um "eu de vidro", um espelho no qual me percebo a mim próprio.

²⁹ Ver em particular Malrieu, P. (1967, 1980, 1989), Baubion-Broye, Malrieu, Tap (1987a e b), Tap (1980 a e b). Malrieu definiu a *conduta* da seguinte forma: "Apenas a totalidade dos comportamentos tem um significado. Chamamos-lhe *conduta* para o distinguir dos seus elementos, aos quais reservamos o nome de *comportamento*. A *conduta* é o conjunto de actos através dos quais o indivíduo não só reage a uma situação, mas primeiro sente a necessidade de acção, actua e dela retira alegria, molda as suas respostas e a sua personalidade, e transforma-se agindo sobre o seu ambiente. Mas não nos basta conhecer os comportamentos, devemos conhecer as suas condições... a psicologia não tem outra razão de ser que não seja a de encontrar as condições do eu". (1967, p. 11).

³⁰ Inspiramo-nos aqui na análise do conceito de *conduta* proposto por Doron e Prévost no Doron and Parot's *Dictionary of Psychology* (1991), p.135.

conduta não pode ser reduzida aos seus aspectos físicos ou sociais. "Por *comportamentos* entendemos aqueles que são externalizados na acção, mas também aqueles que são internalizados sob a forma de fantasias ou sob a forma de relações intrasubjectivas entre as várias tendências do aparelho psicológico" (Widlöcher, 1973). É portanto necessário analisar a articulação das actividades e comportamentos mentais dentro de um comportamento, mas é também uma questão de analisar a forma como os comportamentos organizam a vida do homem total. Sobre o tema do comportamento no trabalho, Meyerson escreveu: "(Devemos) tentar compreender o melhor possível a plenitude do comportamento, especialmente dos actos, tarefas e obras humanas complexas, e assim compreender o *homem total*. Um comportamento humano só pode ser entendido em termos do seu significado e do seu lugar na totalidade dos comportamentos"³¹.

Meyerson (1948, 1987), Malrieu (1967, 2003) e Damasio (1999, 2003) também demonstraram a importância das emoções, sentimentos e sistemas de valores na emergência e funcionamento das auto-imagens. Na *verdade, a conduta inclui tudo o que permite à pessoa dar sentido à sua situação, legitimar o seu próprio comportamento de acordo com os valores que defende e os projectos que desenvolve*³². O diagrama abaixo evoca o que um de nós chama "Os sete processos envolvidos no comportamento humano"³³(comportamento de aprendizagem, comportamento alimentar, comportamento sexual, comportamento profissional, etc.). Como podemos ver, as *representações (incluindo a auto-representação) estão de facto envolvidas em qualquer comportamento, mas não podem ser reduzidas a elas. A estes devemos acrescentar motivações e processos energéticos, mobilização, legitimação e processos de controlo das acções, que por sua vez provocam sentimentos (sucesso - fracasso, satisfação - desapontamento, etc.)*. Pierre Janet definiu os sentimentos como "reações à própria acção", mas teremos de discutir esta afirmação na medida em que os sentimentos devem ser associados mas também diferenciados das emoções. Sentimentos, como emoções, podem ocorrer em interacções com o ambiente (outras pessoas, grupos) ou com o ambiente natural (incluindo objectos, Natureza) ou contextos sócio-culturais (instituições e espaços comunitários).

³¹ Meyerson, I. (1948) "Le travail, une conduite" *Journal de psychologie*, XLI, 7-16, reimpresso em *Écrits 1920-1983. Pour une psychologie historique*, 1987, Paris, PUF, p.221. Sobre as ligações entre as condutas e obras na concepção de Meyerson, ver Malrieu, Baubion-Broye e Hajjar (1991).

³² CF. Tap, Da Silva, Roudès (2005) p. 18.

³³ Ver Tap, 1981, 1988; ver também Tap & Antunes, 'The paradoxical dynamics of professional identities' (2010, a publicar).

Adaptação e suas funções: ajustar, conformar, integrar, defender, construir, ser reconhecido?

Antes de analisar com mais profundidade as questões relacionadas com o Eu e as identidades, a sua construção e o seu papel, é naturalmente importante retomar a discussão nos capítulos anteriores sobre a natureza e funções do processo de adaptação, mas aqui em relação à consciência e auto-consciencialização.

Os autores favoráveis à *adaptação biológica* tendem a salientar a importância da evolução filogenética, o primado das potencialidades e estruturas ligadas aos genes, ao sistema nervoso e mesmo ao cérebro, e a grande importância das capacidades biológicas para a auto-organização³⁶.

O organismo tem "características estruturais e funcionais específicas dos seres vivos que lhe permitem sobreviver, adaptando-se às condições de existência (concepção estática do Cuvier)" (...). O entendimento mais dinâmico define adaptação como "transformações benéficas que permitem ao organismo responder eficazmente a novas condições (aclimatação)". Finalmente, a adaptação é confundida com "o mecanismo pelo qual as transformações entre espécies podem ocorrer no decurso da evolução (variabilidade genética/selecção natural)". A *exaptação* (por Gould) corresponde à "modificação oportunista por selecção natural de estruturas já presentes no organismo, que verão as suas funções modificadas num novo contexto ecológico em resposta a novas pressões selectivas" (inovações evolutivas) (bricolage de l'évolution)" (de Ricqlès, 2007).

Contudo, a adaptação pode ser considerada como um resultado ou como um processo e as funções a ele atribuídas podem mudar. Podemos falar de uma "boa adaptação ou de uma má adaptação", podemos distinguir entre uma adaptação fechada ou aberta, uma adaptação imediata ou a longo prazo (antecipação, iniciativa, orientação), uma adaptação permanente ou temporária.

Como muitos autores têm dito durante muito tempo, "O carácter adaptativo de um comportamento só pode ser julgado em relação a uma norma" (Pavelco, 1987, p.168).

A adaptação é diferente de tudo ou nada. Implica gradações, hierarquias significativas (que fazem sentido). Uma *dialéctica de adaptação* deve ser introduzida (tal como uma *dialéctica de identidades* deve ser introduzida aqui), se quisermos compreender e explicar as contradições e paradoxos que surgem no processo, bem como nos seus resultados. Por exemplo, "a adaptação da Spencer limitou-se à adaptação contínua das relações internas às relações externas". Para Piaget (1967), esta é apenas a definição de uma das dimensões de adaptação: o *alojamento*. Existe uma "tendência para esquecer a estruturação endógena e para interpretar a adaptação como sendo feita a partir do exterior, em vez de a ver como o produto de respostas activas, por outras palavras, regulamentos compensatórios que funcionam por recombinação construtiva e ajuste de respostas eficazes dadas pelo ambiente" (p.68) (...) "A qualquer nível de adaptação, o organismo modifica o ambiente (...), de modo que a relação organismo-ambiente é uma relação circular que consiste em

³⁶ As teorias da *acção* e da *autopoiesis* propostas por Varela et al. (1974, 1993) e Maturana e Varela (1987) podem ser aqui citadas. A teoria da *acção* ou 'mente encarnada' é crítica do cognitivismo desencarnado, e lembra-nos que a mente é 'decretada', posta em *acção* e inscrita na evolução. O processo de autopoiesis intervém como autocriação, autoprodução de sistemas, incluindo sistemas biológicos que têm a capacidade de se regenerar a si próprios, de regenerar a rede que os produziu (exemplo da célula eucariótica, etc.). Estes sistemas são autónomos (unidade de betão numa rede topológica) e 'auto-conhecimento'.

modificar o ambiente, bem como ser modificado pelo ambiente" (p.151). Através de múltiplos comportamentos, o organismo *escolhe do ambiente* o que está de acordo com as suas necessidades, mesmo que isso signifique mudar o ambiente. Mas deve também ter em conta o ambiente, o que pode limitar a satisfação das suas necessidades, causar escassez, disfunções ou perdas.

O exemplo da teoria das possibilidades pode ser introduzido aqui em relação à interacção das relações entre o organismo e o ambiente. O conceito de *possibilidades* proposto por Gibson (1977) é interessante em relação às ligações entre as capacidades adaptativas do animal ao ambiente e as características correspondentes disponíveis nesse mesmo ambiente. Os preços dependem tanto do ambiente como do animal: a noção de complementaridade entre os dois é muito importante numa abordagem ecológica. "As espécies ocupam nichos no ambiente. Gibson descreve um nicho como um conjunto de possibilidades. Nichos e animais são complementares. Quando os seres humanos mudam o seu ambiente, na realidade mudam as condições de vida de uma forma que lhes facilita a vida. Uma vez que as possibilidades não são as mesmas para todos os animais, ao fazer isto, torna frequentemente mais difícil para outros animais viverem no ambiente"³⁷.

Em suma, o indivíduo só está adaptado ao seu ambiente, ou seja, funciona completamente bem, na medida em que consegue construir este ambiente de acordo com as suas próprias concepções do mesmo, com vista a transformar situações e realizar os seus planos e projectos.

Tal posição tende a afastar-se da definição segundo a qual a adaptação é confundida com o processo de *homeostase*. Esta noção foi proposta pelo Cannon em 1932³⁸. Ele considerou a homeostase como o regresso ao equilíbrio. São as reacções fisiológicas mutuamente coordenadas que "mantêm a maior parte dos estados estáveis do corpo... e que são tão peculiares ao organismo vivo". É a manutenção ou regresso a um estado de bem-estar que resulta de três processos sucessivos: 1. uma alteração interna ou externa ameaça o organismo ou impede-o de alcançar o bem-estar; 2. esta alteração altera o funcionamento do organismo; 3. o organismo detecta a alteração e responde à mesma para eliminar a desordem (Damasio, 1999, p.39). A palavra "homeostase" por si só resumiria o conjunto de regulamentos e o estado de vida regulamentado resultante nas variações de "approach-avoidance", "excusal-calm" ou "competition-cooperation" (*op.cit.* p.34).

Este processo homeostático é aplicável ao funcionamento de organismos complexos? É isto que Damasio afirma, seguindo Spinoza, ao mostrar a importância do funcionamento do corpo na dinâmica do ser humano. "Todos os fenómenos que regulam a vida, desde os processos químicos homeostáticos até às emoções propriamente ditas, estão sem excepção ligados a *adaptações do estado do nosso corpo*" (2003, p.54). Ao controlar as interacções com objectos e pessoas que causam emoções, o indivíduo exerce efectivamente algum controlo sobre o processo de vida e conduz o seu organismo para uma maior ou menor

³⁷ Da Wikipédia: *Abordagem ecológica à percepção visual*.

³⁸ Cannon, W.B. *The Wisdom of the Body*, Nova Iorque, Oxford University Press

harmonia, como pretendia Spinoza (*op.cit.*, p.57). Esta harmonia pode ser confundida com um "equilíbrio funcional" caracterizado por facilidade, fluidez, velocidade, potência. Encontramos assim aquilo que Spinoza considerava ser a própria essência do ser: o esforço natural para se preservar a si próprio, o 'conatus'. Isto seria activado quando somos confrontados com a realidade do sofrimento ou da morte, real ou antecipada, a nossa ou a de outros. Esta perspectiva perturbaria o processo homeostático. O esforço para se preservar e alcançar o bem-estar responderia a esta perturbação "lutando para evitar o inevitável e restaurar o equilíbrio. Esta luta convida-nos a encontrar estratégias compensatórias para a nossa agora desordenada *homeodinâmica*³⁹" (2003, p.265).

Damasio vai ao ponto de afirmar que "as convenções sociais e as regras éticas (são) extensões de dispositivos homeostáticos básicos (assegurando a sobrevivência e o bem-estar) ao nível da sociedade e da cultura" (1999, p. 172). Isto está, naturalmente, aberto a discussão.

No conhecido livro sobre "*Os Processos de Adaptação*" (Bresson et al. 1967), Malrieu criticou Piaget em relação à analogia dos níveis biológicos e psicológicos de adaptação: "Senti-me envergonhado há pouco pela comparação que o Sr. Piaget fez entre o biológico e o psicológico, e dei por mim mais próximo do Sr. Nuttin. O Sr. Nuttin parece-me estar certo em níveis opostos: não será uma regra metodológica essencial diferenciar antes de tentar descobrir analogias? Mas também é necessário compreender a passagem de um nível para o outro; e sobre este ponto o Sr. Nuttin não me parece ir suficientemente longe na procura das condições de passagem da adaptação do tipo biológico à adaptação da personalidade" (1967, p. 158). Piaget respondeu: "Eu responderia ao Sr. Malrieu que acho difícil segui-lo se ele só distingue dois níveis, mas se ele propõe cinquenta, então eu concordaria completamente! Malrieu: "Eu também! (*op. cit.*, p. 164).

Consciência, conhecimento e reconhecimento de si próprio... e dos outros

A fim de introduzir a complexa questão da relação entre consciência, autoconsciência e auto-reconhecimento, utilizaremos a obra de Cofer e Appley (1964) e a discussão desta obra de Ernst Boesch (1964, 1975). Cofer e Appley analisam as reacções ao stress, a sua força e efeitos, e a dificuldade de os controlar. As reacções variam desde a atenção adaptativa através da frustração até à percepção do perigo, causando ansiedade. "É neste limiar que as formas de reacção se transformam de comportamento exclusivamente de resolução de problemas para incluir comportamento orientado para o ego, mantendo o eu e a sua integridade. Se o stress aumenta, "pode-se observar a eliminação de todo o comportamento orientado para as tarefas, e uma preocupação exclusiva do organismo com a protecção do ego" (p.252)⁴⁰. A partir desta constatação, os autores fazem a hipótese de que as mudanças

³⁹ O termo *homeodinâmica* foi proposto por Steven Rose em *Lifelines. Biologia para além do determinismo*. Segundo Damasio, a homeodinâmica é mais apropriada do que a *homeostase*, na medida em que sugere o processo de procurar um ajustamento em vez de um ponto de equilíbrio fixo.

⁴⁰ A tradução francesa desta referência à obra de Cofer e Appley é de Ernst Boesch (1967, p. 101)

na autoconsciência variam de acordo com a natureza da situação do actor. Este resultado pode evidentemente ser comparado ao estudado por Lázaro relativamente à oposição entre o enfrentamento centrado no problema e a sua resolução e o enfrentamento centrado nas emoções. Mostraremos que existe uma estreita ligação entre a consciência e as emoções. As emoções podem desviar-nos por algum tempo da resolução do problema, mas permitem-nos recentrar-nos em nós próprios, possivelmente uma suspensão temporária que, após um desvio, pode permitir-nos resolver melhor o problema. A questão da relação entre auto-consciencialização e emoções é, portanto, importante, e precisamos de lhe dar resposta. Mas vamos prosseguir passo a passo. Antes de mais, precisamos de introduzir a questão da evolução, da construção da consciência e da autoconsciência.

Dos níveis de consciência à auto-consciencialização activa

Naturalmente, não se trata de discutir os problemas filosóficos e científicos colocados pela consciência. Sabemos que a psicologia moderna, para se desenvolver, teve de se afastar da concepção introspectiva e mostrar a importância dos comportamentos observáveis, enquanto que nada poderia ser dito sobre a consciência se esta não se manifestasse de alguma forma fora do corpo. Mas falar de consciência ou autoconhecimento, falar de identidade pessoal, requer destacar alguns indicadores em filogénese (o animal está consciente? Existem vários níveis de consciência nos animais, níveis anteriores à fala, anteriores ao acesso à linguagem?); mas também indicadores na ontogénese (Quais são os níveis de consciência gradualmente atingidos pela criança? Que relações são estabelecidas entre estes níveis e o carácter e personalidade da criança? Como é construída a identidade pessoal e que ligações são feitas entre ela e imagens mentais ou representações, desejos e acções?).

Muitos autores demonstraram a importância das ligações entre os níveis de consciência durante a infância e adolescência e as emoções (por exemplo: Wallon, 1976a, Malrieu, 1967a, 1967b, Zazzo, R. 1975, 1980, Tap, 2005). Estas ligações são obviamente decisivas na definição dos níveis de adaptação

Por exemplo, Malrieu (1967b) propõe três níveis de adaptação:

- *Adaptação antecipada* (pré-adaptação por condicionamento): preparação para agir, poupando tempo;
- *Adaptação através de diferenciação progressiva*: necessidade de ultrapassar o conflito entre o antigo e o novo através de processos de integração: abertura a novas influências, introdução de conflitos a ultrapassar (sobre-adaptação).
- *Adaptação retrospectiva*: refazer o passado para inventar o futuro. Três desequilíbrios introduzem um aspecto "dramático" na construção do eu (no sentido do latim: *drama*: acção emocionalmente carregada): a) mudanças no ambiente; b) desequilíbrios intrapessoais, endógenos; c) desequilíbrio resultante de conflitos interpessoais e sociais.

Malrieu apresentou os níveis de consciência e adaptação da criança desde o nascimento até aos três anos (1967a). Neste trabalho ele define o que, segundo ele, constitui o processo desencadeador da autoconsciência: "A primeira autoconsciência é a consciência de uma iniciativa com valor social, com o valor de se superar a si mesmo e como tal significada para os outros" (p. 77).

Mais recentemente, Damasio (1999, 2003), com base nas suas observações neuropsicológicas, analisa as múltiplas funções das emoções na dinâmica da construção e da actualização da autoconsciência. "As emoções são adaptações curiosas que são parte integrante das engrenagens que asseguram que os organismos regulam a sua sobrevivência" (1999, p. 63).

Também menciona três níveis de consciência, e portanto três níveis de adaptação, os dois primeiros dos quais podem ser aplicados a muitos animais, sendo o terceiro especificamente humano:

- O *Proto-Self* é um "precedente biológico pré-consciente". "O proto-self é uma colecção coerente de padrões neurais que, momento a momento, mapeia o estado da estrutura física do organismo nas suas muitas dimensões. Não temos conhecimento do proto-self. Não tem poderes perceptivos e não detém qualquer conhecimento (1999, p. 159). Uma "*consciência do núcleo*" corresponderia ao protótipo de si mesmo, aqui e agora, através de um "sentido subtil e evanescente de saber, em cada momento renovado", aqui e agora, (p. 199).
- O *Eu Central* poderia ser metaforicamente representado por "um relato não verbal da relação objecto-organismo", permitindo a melhoria das imagens dos objectos (*op.cit.* p. 174). Este relato não verbal, no aqui e agora (que Damasio vai ao ponto de chamar, de forma abusiva, uma "narrativa sem palavras", p. 175) baseia-se em configurações neuronais que se tornam imagens, o que constituiria uma narrativa interior incorporada no fluxo de pensamentos. Segundo Damasio, a consciência e o eu não emergem depois da linguagem; não são uma construção directa da linguagem. "A consciência começa quando o cérebro adquire o poder, o poder simples, de *contar uma história sem palavras*, utilizando o vocabulário universal não verbal dos sinais corporais" (p.39).
- Mas a linguagem dará um contributo importante para a forma mais elevada de "*consciência alargada*" que facilita a emergência do *Eu Autobiográfico*. Na consciência alargada, o sentido de si próprio 'vem da apresentação coerente e recorrente de algumas das nossas memórias pessoais, os objectos do nosso passado que dão, hora após hora, a sua substância à nossa identidade e personalidade' (p. 201). A narração de histórias vem antes da língua, uma vez que é de facto uma condição da língua. Mas com linguagem, combinada com memória e consciência, a pessoa será capaz de escolher entre múltiplos padrões de acção, e otimizar a

implementação da acção escolhida. As imagens e as emoções associadas irão alargar o domínio das acções projectadas e realizadas, aumentando o seu alcance e eficácia.

Damasio refere-se também ao carácter 'dramático' da consciência alargada e da fase autobiográfica: 'A tua consciência alargada pode fazer de ti o personagem central num romance épico, ou colocar-te no caminho da criação. É o mesmo eu central, mas agora ligado ao passado já vivido e às perspectivas futuras que são parte integrante da sua autobiografia' (p.199). Encontramos a importância da narrativa como um processo importante para a emergência e reforço da autoconsciência, da auto-imagem: "O eu nasce apenas no momento em que a história é contada, dentro da própria história" (p. 195). Podemos assim estabelecer uma ligação entre a auto-consciencialização e a "identidade narrativa" proposta pela Ricoeur (1990, 2004). Mas temos agora de fazer os desvios para o "auto-conceito" e/ou identidade pessoal. Note-se que para Damasio "o Eu autobiográfico repousa no 'autoconceito', no verdadeiro sentido cognitivo e neurobiológico do termo: o pano de fundo de uma vida mental saudável" (1999, p. 177). "O autoconceito corresponde aos níveis mais elevados do autobiográfico" (*op.cit.* p. 343).

Auto-conceito ou Identidade(s). A dinâmica da identidade

O auto-conceito e a identidade podem ser plenamente assimilados? Segundo L'Ecuyer, as noções de identidade pessoal e auto-conceito evocam e medem os mesmos processos e conteúdos. Mas para outros autores, devem ser diferenciados. Por exemplo, Honess and Yardley (1987) consideram que a noção de identidade dá prioridade aos processos interactivos, sociais e culturais para dar conta da acção do indivíduo, enquanto a teoria do auto-conceito apresenta o indivíduo na sua estrutura interna e como um agente de acção. No entanto, é necessário ter em conta tanto determinações estruturais (biológicas e cerebrais) como sociais e determinações pessoais (história e experiências). Uma teoria interaccionista ou transaccional parece necessária para explicar tanto as modalidades de construção da identidade como a sua relação com as práticas e representações. Definiremos identidade como a estrutura mental e social de *atribuição de qualificações*, a partir da qual o indivíduo *descreve, avalia e reconhece a si próprio, mas também a partir da qual outros o descrevem, avaliam e reconhecem*.

A identidade é constituída por representações e sentimentos. Não é portanto um sistema puramente cognitivo, enquanto que o "conceito" enfatiza a dimensão cognitiva do eu. A importância da afectividade, emoções e sentimentos, na dinâmica da identidade pessoal, deve ser introduzida. Mas há uma grande vantagem em utilizar a noção de identidade. Isto pode ser aplicado ao self, mas também diz respeito às identidades colectivas (sexual ou de género, profissional, familiar, conjugal, parental, nacional, religiosa, etc.). Ao construir a sua própria identidade, o indivíduo terá de articular estas múltiplas identidades dentro de si e nas relações com os outros, em situações particulares, por ocasião de eventos diários. A identidade não é apenas "Eu", é também a multiplicidade de "Nós", diferenciada ou oposta a "Eles".

Mas o que é importante, na nossa opinião, é que as noções de *identidade* e *alteridade* envolvem processos de *comparação, tanto internos* (a forma como a pessoa associa ou contrasta algumas das suas identidades) *como externos* (modelos, pessoas ou grupos, com os quais a pessoa se pode identificar).

Etimologicamente, a identidade está associada a permanecer 'idêntico' a si próprio ao longo do tempo (o 'meme' dos filósofos). Mas esta primeira definição (por *idem*) opõe-se àquela que define a identidade como a afirmação das próprias características, como um objecto alvo (definição por *ipsidade*). Não é uma questão de permanecer o mesmo, mas de ser eu próprio. A articulação entre memeticidade e ipsidade é característica da *identidade narrativa* de Paul Ricoeur⁴¹. O Eu emerge apenas na condição de ser construído através da narrativa do que se acabou de experimentar, no passado recente, e depois cada vez mais distante. A identidade narrativa permite ao homem, dizendo a si próprio, construir e reforçar a sua identidade pessoal, e com ela múltiplas identidades sectoriais ligadas ao sexo, idade, estado civil, família e situação profissional. Estas múltiplas 'qualidades' estão ligadas a actividades e papéis. A identidade não é, portanto, apenas cognitiva e afectiva, mas envolve também a actualização da identidade através de práticas e a assunção de responsabilidades. Márcia (1991) menciona três facetas da identidade pessoal:

- Uma *faceta subjectiva*: com uma multiplicidade de sentimentos, em particular sentimentos reais ou supostos de unidade e continuidade de si, em relação a representações, imagens e emoções, por um lado, e a oportunidades e limitações ou pressões externas (físicas, sociais, culturais), por outro;
- Uma *faceta comportamental*: constituída por todos os hábitos de todos os tipos, atitudes e motivações, reacções que são observáveis e previsíveis;
- Uma *faceta estrutural*: incluindo a capacidade do sujeito para controlar, organizar, manter ou alterar o seu funcionamento pessoal global, em relação aos diferentes contextos actuais, mas também em relação à sua história pessoal e forma de regular o tempo.

Segundo Lehalle (1995), o estabelecimento da identidade introduz *três processos distintos*: *descritivo* (auto-descrição), *avaliativo* (auto-estima) e *integrativo* (coesão interna).

Estes desvios revelam as características da identidade narrativa, tal como proposto por Paul Ricoeur (1990), que articula meme e ipsity. Ao recontar a si próprio, a pessoa torna-se o herói da sua própria história; ao recontar as suas experiências, a pessoa constrói um *ancoradouro* e uma *profundidade histórica*. Permite também a orientação de um futuro e a construção de um ideal substancial de uma "boa vida, de bem-estar".

Estes processos articulam-se com oito *dimensões de identidade pessoal* orientando e ajustando o seu conteúdo cognitivo (representações), afectivo (emoções e sentimentos) e cónico (padrões de acção, tendências, percepção de tensão).

Estas oito dimensões são: 1. a dimensão temporal associada a *sentimentos de permanência ou continuidade*; 2. a dimensão estrutural ligada a *sentimentos internos de coerência e unidade*; 3. a multidimensionalidade do sistema de identidade associada a *sentimentos de diversidade e riqueza interna*; 4. A dimensão potenciadora associada às necessidades de *auto-afirmação, separação mas também de reconhecimento*; 5. A dimensão singular ligada a *sentimentos de originalidade e singularidade*; 6. A dimensão avaliativa ligada a *sentimentos de positividade e auto-valorização*; 7. A dimensão antecipatória envolvendo a capacidade de construir projectos de acção associados a *sentimentos de auto-liberação através da abertura para o futuro (projecto de vida, auto-projecto)*; e 8. A dimensão da realização ligada ao *sentimento de "fazer algo" em benefício de mais do que a si próprio*.⁴²

⁴¹ Ricoeur P. *Soi-même comme un autre*. Paris, Seuil, 1990, p. 167 e seguintes.

⁴² O termo "trabalho" vem do latim *operare*, para actuar, (antigo "ouvrier" francês, cf. ouvrier, opération). Num artigo da *Année psychologique* (1951), Meyerson escreveu: "O comportamento do homem conduz a obras. O

É claro que o número de dimensões pode variar de um autor para outro, ou dentro do mesmo autor em períodos diferentes⁴³. Codol e Tap (1988) também propõem oito, mas incluindo mais duas dimensões sintéticas (diferenciação interna e externa)⁴⁴.

A *diferenciação* (Breakwell, 1983, 1986) é uma dimensão importante porque implica tanto processos de integração interna (coerência e complexificação) como processos externos de empoderamento e separação (distanciamento, separação para independência e autonomia). Dependendo da investigação, as diferenças ou semelhanças são valorizadas de forma diferente. Jarimowicz (1988) mostra que as diferenças (traços específicos) são socialmente necessárias para a comparabilidade e para analisar as proximidades, bem como as distâncias. De acordo com os seus resultados, os sujeitos que têm um forte sentido de distinção entre si e os outros são também aqueles que evocam o maior número de membros categóricos e grupais na vida social. Por outro lado, Doise (1988), sobre o tema da identidade de género (homem-mulher), menciona a importância das semelhanças (igualitarismo, androginia) como meio de se afirmar, em oposição aos estereótipos, possivelmente estigmatizantes das diferenças (discriminação sexista), das quais as mulheres são acima de tudo vítimas. Assim, "a diferença é vista ou como o apoio essencial para a afirmação da identidade, ou como o estabelecimento de discriminação, de distância negativa de si próprio e dos outros" (Codol e Tap *op.cit.* p. 120).

Identidade pessoal e identidade narrativa: ser você mesmo ao contar a sua história

Paul Ricoeur foi responsável pela análise aprofundada da relação entre o "*Self*", a *identidade pessoal* e a *identidade narrativa*⁴⁵. O objectivo era mostrar a importância do tempo e da história, da acção e da linguagem, na emergência e estabilidade da subjectividade e intersubjectividade. A dificuldade reside no facto de a identidade ser semanticamente reduzida à "mesmice" (a ser a mesma, substancialmente permanente). Por outro lado, a pragmática (teoria do acto de fala) "é capaz de passar da questão da identidade para a questão da auto-identidade através da teoria da interlocução" (Rasmussen, 2006, "da identidade para o eu", p. 255). Mas o objectivo é mostrar que a identidade (semelhança absoluta) pode ser revista com base na "semelhança e na continuidade ininterrupta da mudança, um *princípio de permanência ao longo do tempo*". Esta será, por exemplo, a estrutura invariável de uma ferramenta da qual todas as partes foram gradualmente

trabalho desenvolve de forma particularmente proeminente as características da forma e do artifício, e além disso traduz uma pesquisa do completado e do permanente. O animal faz a passagem, o homem constrói o formado e o durável. Ele faz "coisas" e quer preservá-las (...). Ele não trabalha para passar o tempo, ele trabalha para construir (...). O que se reflecte nas noções de trabalho de experiência, de trabalho, é a participação do homem no meio físico e social - com tudo o que esta participação implica em termos de acções recíprocas - e a sua construção de um mundo, de mundos humanos" (1951 *reproduzido em* 1987, p. 70).

⁴³ Ver a análise destas variações em Cloutier, Gosselin e Tap (2005). Codol (1980) propôs três: unidade, coerência e positividade, Tap (1980, 1988, 1991) propôs seis, Codol e Tap (1988) propôs oito! Isto também é naturalmente verdade nas obras anglo-saxónicas (Erikson, Marcia, Jackson, etc.).

⁴⁴ Entre as oito dimensões, Codol e Tap incluem a dimensão de recuperação associada à 'coping' e que pode, portanto, ser confundida com estratégias de coping (*op. cit.* p.170).

⁴⁵ Ver em particular o quinto estudo "Identidade pessoal e identidade narrativa" (pp. 137-166) e o sexto estudo "Identidade pessoal e identidade narrativa" (pp. 167-198), estudos incluídos em *Soi-même comme un autre* (1990).

alteradas (...) confirmando-se assim o carácter relacional da identidade" (Ricoeur, 1990, p. 142). O sujeito continua a ser ele próprio, mantendo uma certa permanência substancial (ipsidade), mesmo que algumas das suas características tenham sido alteradas. Mas a identidade pessoal é o resultado complexo do regulamento entre 'meme' e 'ipseity'. O conceito de similaridade permite assim incluir várias descontinuidades e alterações de identidade. O ipse manifesta-se como idem, através de 'hábitos' e 'identificações adquiridas'. Deste ⁴⁶modo, "o carácter ⁴⁷assegura tanto a identidade numérica⁴⁸, como a identidade qualitativa⁴⁹, a continuidade ininterrupta na mudança ⁵⁰e, finalmente, a permanência no tempo que define o mememe" (*op.cit.* p.147). A referência ao carácter tende a valorizar a "sedimentação" do eu (à custa da inovação).

Mas para fazer emergir a dimensão temporal do ipseity (coberto por "memeticity") Ricoeur apela à *identidade narrativa através da narrativa*: "Narrative is the guardian of time insofar as there can't be no thought of time without a narrated time" (Ricoeur, 1984, p. 241). Os três momentos da narrativa: descrever, contar, prescrever. A narrativa permite a 'redistribuição' do que foi sedimentado (perseverança e continuação do carácter). Para muitas narrativas, a referência autobiográfica diz respeito a toda a vida.

A narrativa permite ligar o passado e o futuro (fidelidade a si próprio, constância nas suas amizades, etc.) atribuindo um sentido de continuidade à história em constante mudança do eu. Só ela é capaz de exprimir a constante dialéctica da individualidade e do meme. Mas também permite dar sentido à subjectividade (articulação dramática, através da memória, entre o relato descritivo e supostamente realista da acção passada e a ficção construída do eu⁵¹). É precisamente esta dialéctica entre a acção adaptada, eficaz e realista e a personagem (o herói fictício da minha própria história através da qual me valorizo) que constrói a dinâmica da subjectivação. A pessoa, entendida como a personagem da sua própria história, está associada à coerência da história contada. "É a identidade da história que faz a identidade da personagem, e portanto da pessoa que conta a sua própria história. O personagem deriva a sua singularidade da unidade da sua vida considerada como a totalidade temporal, ela própria singular, que o distingue de todas as outras" (*op. cit.*, p. 175).

É através da narrativa que o evento se torna história. É uma das condições do carácter autêntico e fundamentalmente humano da existência.

Da identidade narrativa à identidade argumentativa e reconstrutiva

A identidade narrativa por si só, contudo, não pode fornecer uma compreensão da emergência, manutenção e complexificação da identidade pessoal.

⁴⁶ Como afirma Ricoeur, "a egologia requer o complemento intrínseco da intersubjetividade" (1990, p. 14). Dito de outra forma, a identidade pessoal implica uma segunda dialéctica, a do eu e do outro que não o eu (alteridade interna, aquilo que em mim não é eu, eu próprio como outro, e alteridade do outro, alter-ego ou estranho. Sobre identificações múltiplas e a sua relação dinâmica e dialéctica com a identificação, ver Tap, 1988. A identificação com um outro implica "suposta alteridade".

⁴⁷ Carácter: um conjunto de disposições duradouras através das quais uma pessoa é reconhecida

⁴⁸ Identidade digital: "ser um": singularidade versus "ser muitos": multiplicidade.

⁴⁹ Identidade qualitativa: similaridade extrema ou não.

⁵⁰ O tempo é um factor de dissemelhanças, lacunas, diferenças, diversidade, variabilidade, descontinuidade, instabilidade.

⁵¹ "Sujeito exaltado, sujeito humilhado, é sempre por uma tal inversão do a favor ou contra que abordamos o sujeito" (Ricoeur, 1990, p. 27).

"Os relatos autobiográficos não são simplesmente "histórias de vida" em que o sujeito descreve o curso da sua vida. É uma questão de formular *perguntas reflexivas* nas quais ele se questiona sobre o que poderia ter feito e, com base numa avaliação das suas experiências e da situação de força ou fraqueza em que se encontra, o que poderia ter feito. É *desenvolvido* um *plano* mais ou menos coerente *para o futuro*. "(Malrieu, 2003, p. 159). À dialéctica entre *me* e *eu* deve ser acrescentada a dialéctica entre *eu* e *outro*, sem a qual a pessoa pode permanecer fechada no presente, em onipotência narcísica e irresponsabilidade.

Por estas razões, Jean-Marc Ferry (1991a, 1991b, 1996) propõe continuar a análise dos processos e fases de identidade, para além da narrativa e da história.

O seu sistema descritivo/explicativo poderia ser chamado NIAR, devido à evolução sucessiva de quatro processos de identidade: 1. *Narrativa*; 2. *Interpretação*, 3. *Argumentação* e 4. *Reconstrução*.

- A **IDENTIDADE NARRATIVA** permite tanto ao indivíduo como ao grupo construir (ou reconstruir) a sua identidade, se esta se basear na precisão descritiva e autenticidade expressiva. Mas a narração é permeável à ficção. Trata-se de expressar as emoções que ligam o evento a si próprio. "A narrativa é como a cauterização de uma ferida psíquica". Podemos mesmo por vezes falar de uma "compulsão narrativa", a narrativa que permite compensar a angústia ou o fracasso, para afastar a ausência ou a perda.
- **IDENTIDADE torna-se INTERPRETATIVA** quando a narrativa pode tornar-se uma lei, uma prescrição (as fábulas de La Fontaine são interpretativas através da sua "moral"). A história torna-se "exemplar" ou "emblemática" quando propõe um *destino*, uma moral de vida e morte, uma referência à Justiça, à metafísica, à religião. É uma tragédia da qual emergem algumas questões fundamentais: injustiça, desigualdade⁵². Para a identidade pessoal, o enigma do fim está relacionado com o mistério da morte.
- A **IDENTIDADE torna-se ARGUMENTATIVA** através da "justificação racional e legal das reclamações". A argumentação envolve a "responsabilidade do sujeito de direito" e orienta a ética para uma ideia processual da sociedade justa. Tem sempre o valor de uma tentativa de justificar o que é dito, pensado e pretendido. Afirmar lutar contra as desestabilizações externas (confrontos interculturais, conflitos antagónicos, submissão à ordem estabelecida) e internas (autocrítica) a favor de uma correcção normativa, de uma legitimidade ética. É uma questão de lutar contra a ordem estabelecida, se for entendida como inadequada e ilegítima. A lei deve fazer justiça.
- Finalmente, a **IDENTIDADE torna-se RECONSTRUTIVA** através da História e da Linguagem. Trata-se de aceder à compreensão histórica das estruturas a fim de reconstruir os processos (individuais ou colectivos). Mas a reconstrução não se limita à reconstituição de uma lógica de desenvolvimento, uma história. Tem também um valor ético: compreender a causalidade fatal da vida ferida (1996, p. 15), aceder à inteligibilidade verbal, declaração expressiva e avaliativa, autenticidade das auto-representações. A reconstrução implica o reconhecimento, mas "o reconhecimento

⁵² A importância do trabalho de Amartya Sen sobre a necessidade de introduzir a ética na economia e na política, através das questões de justiça (2010), igualdade (1992) ou violência baseada na identidade (2006), pode ser mencionada aqui.

recíproco é o reconhecimento da violência recíproca e exige a reconciliação" (1996, p. 62). De facto, a violência existe em todos os quatro níveis de identidade.

Identities	Funções	Referência	Categoria
<i>Narrativa</i>	<i>Contar, ouça</i>	<i>Evento descrito</i>	<i>Seja</i>
<i>Interpretativo</i>	<i>Explicar, compreender</i>	<i>História Moral da história</i>	<i>Dizer e fazer sentido</i>
<i>Argumentativo</i>	<i>Defender ou justificar Desafiante, problematizante</i>	<i>Reclamações</i>	<i>Verdade Validade</i>
<i>Reconstrutiva</i>	<i>Analisar e reconhecer-se mutuamente</i>	<i>Pessoas que fazem tais reivindicações</i>	<i>Reconhecimento</i>

A passagem de uma identidade narrativa e interpretativa para uma identidade argumentativa e reconstrutiva implica o confronto, interno e externo, entre ipsidade e alteridade, a fim de permitir a adesão a uma *identidade política (cidadã)* sempre entendida como uma *identidade pessoal, mas colectiva e baseada no reconhecimento recíproco*. "Os homens de recusa são os primeiros candidatos à cidadania. Eles são os primeiros a serem politizados. O cidadão nasce apenas do acto jurídico ideal que reconhece nele uma disposição para a reciprocidade, para o reconhecimento recíproco (1991b, p. 161 ff).

A luta pela identidade para o reconhecimento

Vários dos autores aqui tomados como referências (Malrieu, 2003, Ricoeur, 2004, Ferry, 1991, Honneth, 2008a, Sainsaulieu, 1977⁵³, Sen, 1991, 2010) confiam na importância do reconhecimento recíproco das identidades, via igualdade e justiça. Aqui concentrar-nos-emos nas análises e propostas de Axel Honneth.

Ao analisar o processo de reconhecimento, este autor compara a posição de Hegel sobre a "luta mortal pelo reconhecimento" (1803) com a posição de George Herbert Mead sobre o "interacionismo simbólico" (1934).

O jovem Hegel (1802-1803)⁵⁴ estava "convencido de que a luta dos sujeitos pelo reconhecimento mútuo da sua identidade produz na sociedade um movimento que tende irresistivelmente a estabelecer a nível político e prático instituições garantidas das liberdades; é a exigência do reconhecimento intersubjectivo da identidade individual que introduz desde o início uma tensão moral na vida social" (2008a, p.11).

Numa situação de agressor-vítima, o sujeito-vítima deve defender a integridade da sua pessoa. Ele faz deste "dano pessoal" uma questão da sua "personalidade inteira". Ele quer ver a sua "honra" restaurada (p. 33). Cada um dos protagonistas (indivíduos ou grupos) procura convencer o outro de que toda a sua personalidade é digna de reconhecimento. No entanto, segundo Hegel, só o podem fazer provando um ao outro que estão dispostos a arriscar as suas vidas (através de uma luta até à morte). O espírito só se realiza plenamente

⁵³ Ver em particular o Capítulo 8 "Identities colectivas e auto-reconhecimento no trabalho" 1977, pp. 302-343, no qual Sainsaulieu relê o esquema Hegeliano de auto-reconhecimento e utiliza-o para compreender os processos de perda e recuperação da identidade no trabalho.

⁵⁴ Hegel, G.W. *Sistema de vida ética*. Tr.fr. 1976

se se souber que é reconhecido por outros. O indivíduo só pode ter a certeza disto se experimentar a reacção prática pela qual o outro responde a um desafio deliberado, ou mesmo a uma pura provocação.

De acordo com Hegel, estes conflitos não são puramente negativos. É através de tais gestos destrutivos que se formam relações de reconhecimento mais avançadas, das quais uma "comunidade de cidadãos livres" pode realmente emergir" (p. 34). De passagem, Hegel faz a distinção entre a "pessoa" e a "pessoa total". A pessoa refere-se a um indivíduo que baseia a sua identidade principalmente no reconhecimento intersubjectivo da sua capacidade jurídica, enquanto que a "pessoa total" adquire a sua identidade apenas no reconhecimento intersubjectivo da sua "particularidade", da sua "subjectividade". O resultado seria a emancipação crescente dos sujeitos individuais e o reforço dos seus laços comunitários através de movimentos de solidariedade intersubjectiva recíproca. Os três processos coordenados por Hegel poderiam ser esquematizados da seguinte forma:

Pessoa Individual → → Assunto
Amor → → Solidário Direito
Necessita de → Autonomia → Características individuais

A nível individual, há um recuo entre a externalização e o regresso a si próprio, numa "repetição incessante em que o espírito se realiza passo a passo".

Apesar do seu carácter dramático, o processo de reconhecimento mútuo de pessoas inteiras vem mostrar a sua positividade em termos de desenvolvimento pessoal, individual ou colectivo. Mas devemos agora mencionar os processos considerados como dramaticamente negativos, aqueles desenvolvidos por Edgar Morin, em relação aos *homo demens*. A "componente irracional, louca e delirante do ser humano" (2001, p. 105 ff)

Racionalização, submissão, alienação e subjugação: os limites da adaptação ⁵⁵

Após o programa de televisão "Zona Extrema", ⁵⁶que reproduziu a experiência "submissão à autoridade" de Milgram (1974)⁵⁷, quase 80% dos voluntários transformaram-se em torturadores, aos aplausos da audiência. O que mais preocupou Milgram após a sua experiência foi "o desaparecimento do sentido de responsabilidade pessoal, de longe a

⁵⁵ Sobre esta história ver Tap, 1980, 1988.

⁵⁶ Cf. o livro baseado na experiência televisiva: Nick, C. e Eltchaninoff, M. *Expérience extrême* Paris, ed. Don Quichotte, 2010.

⁵⁷ Os sujeitos da experiência são convidados a desempenhar o papel de "professor" encarregado de castigar o "aluno" que lhes é apresentado como voluntário. A punição consiste em choques eléctricos de intensidade crescente (15 a 450 volts), administrados pelo professor, que está de facto inconscientemente perante uma sinistra mise-en-scène: os estudantes-vítimas, cúmplices do experimentador, são amarrados a uma espécie de cadeira eléctrica, eléctrodos presos aos seus pulsos. Os professores são colocados em frente de um dispositivo de boneco com trinta joysticks (cada um supostamente adiciona 15 volts ao anterior) e são instruídos a administrar um electrochoque de intensidade imediatamente superior para cada novo erro cometido pelo aluno numa tarefa de aprendizagem. A 150 volts ou mais, o estudante deve simular uma dor intolerável e expressar um desejo de parar a experiência, mas a experiência "deve" continuar. Ao contrário da opinião dos peritos (que pensavam que a maioria dos professores não iria além dos 150 volts, 60% dos "professores" obedeceram ao experimentador (um académico que representa a ciência!) até ao fim, ou seja, até ao máximo volts.

consequência mais grave da submissão à autoridade" (1974, p. 25). A moralidade da obediência tem frequentemente precedência sobre a moralidade do respeito mútuo e da autonomia. Os estudos multiplicam-se, evocando a onnipresença das manipulações dos que estão no poder, até ao ponto de assédio social.

Le Goff fala da 'barbárie suave' da modernização cega, Marzano da 'perversão da gestão nas empresas', Gaulejac e Aubert do 'custo de excelência' numa sociedade farta de gestão, etc. A questão da submissão imposta ou "submissão consentida livremente", e da manipulação (Beauvois e Joule, 1981, Joule e Beauvois, 2002) é mais do que nunca levantada. É verdade que alguns autores mostram os limites disto.

Por exemplo, Courpasson e Thoenig (2008) mostram que os P&MS estão longe de ser tão dóceis ou crédulos como se diz, face à gestão. Muitos P&MS são ao mesmo tempo rebeldes, altamente críticos da sua gestão, e altamente investidos no seu trabalho. "A teoria da submissão voluntária não está finalmente de acordo com o que mostram os inquéritos sobre o envolvimento no trabalho"⁵⁸.

Após a experiência televisiva, Bègue e Terestchenko⁵⁹, autores de uma investigação após o programa "Zona Extrema", escrevem: "Uma vez revelado o engano, foi dito aos dóceis interrogadores que não tinham nada de que se sentir culpados, porque a culpa era apenas da situação; além disso, os outros tinham agido como eles. Não era necessário que, depois de se terem comportado como torturadores perfeitos, também perdessem a confiança e a auto-estima. E se se aplicasse um entendimento tão acomodado aos assassinos apanhados em condições reais de genocídio em massa? Os autores, após investigação, descobrem que "a acção desobediente é mais difícil para aqueles que estão mais integrados no sistema". Inversamente, aqueles que se sentem menos satisfeitos com o seu lote ou têm uma inclinação para rejeitar o status quo social têm uma propensão muito maior para a rebelião. Os autores apontam os "factores de destrutividade comuns" em algumas empresas e os efeitos sobre alguns empregados, que são levados ao desespero e ao suicídio.

Segundo Koestler, quatro causas podem explicar a patologia social, homo demens: 1. o crescimento explosivo do neocórtex e a insuficiência do seu domínio sobre o velho cérebro reptiliano (a esquizofisiologia de McLean); 2. a longa impotência do recém-nascido humano (neotenia) e as suas consequências subsequentes: a submissão desrazoável à autoridade, a criança receptora dócil às crenças prontas; 3. a dupla maldição da linguagem: o neocórtex e o cérebro reptiliano. A longa impotência do recém-nascido humano (neotenia) e as suas consequências subsequentes: submissão despropositada à autoridade, a criança receptora dócil às crenças prontas; 3. A dupla maldição da linguagem: desordeiro (Não vamos à guerra por terra, mas por palavras) e construtor de barreiras étnicas, religiosas, etc.; 4. A descoberta da morte e da divisão mental que provoca o medo que ela inspira. Segundo este autor, o homem (indivíduo ou grupo) é um "*holon*", uma "parte inteira": experimenta-se

⁵⁸ Dortier, J.F. "Les salariés sont-ils des victimes consentantes ? *Sciences Humaines*, 2010, No. 213, pp. 45-47.

⁵⁹ Bègue, L. e Terestchenko, M. "Zona extrema: a reality TV pode transformar-nos em torturadores? *Le Monde*, terça-feira 09 de Março de 2010, p. 19. Vários participantes foram entrevistados pela imprensa. As suas reacções são particularmente "questionadoras": "Foi-me dito que a minha atitude era exemplar (parei) mas aos meus olhos não o era, ainda empurrei aquelas malditas alavancas" (Nadège); "chamaram-me torturador, um nazi. Estas palavras doem! (Jérôme); Sandrine, uma enfermeira, parou mas não imediatamente, "ela não queria ser vaiada pelo público". (...) Aqueles que foram até ao fim não são potenciais assassinos". "Na SNCF, estamos habituados a executar ordens sem questionar. Agora digo a mim mesmo que temos direito, por vezes, a desobedecer" (Elie)... Todos eles "devem enfrentar a crítica e a sua consciência". *Le Monde*, domingo 11 de Abril de 2010, p.12. Podemos, portanto, ver como os argumentos de influências externas (pressões autoritárias) provocam processos internos de culpa e vergonha e reactivam o stress.

como um todo único, autónomo e independente (função assertiva) e como uma "parte", dependente do seu ambiente natural e social (função integradora). Paradoxalmente, são os "desvios" da função integradora individual em benefício da assertividade, o egoísmo dos grupos (que são alimentados pelo altruísmo dos seus membros) que provocam o chauvinismo e o sectarismo, proselitismo e fanatismo dos grupos pela fidelidade, obediência, comunhão, solidariedade e dedicação dos seus membros.

Em termos mais individuais, Kelman (1958) tinha mostrado que a patologia social está ligada a três processos psicológicos: 1. submissão à autoridade do pai ou dos seus substitutos (líderes carismáticos, santos ou demagogos, sábios ou maníacos); 2. identificação incondicional com um grupo social a que se pertence; 3. aceitação cega de um sistema de crenças com os seus preceitos e dogmas.

Conclusão

Um modelo para analisar as ligações dinâmicas entre a adaptação, o Eu e as identidades é necessariamente complexo. Obriga-nos a ter em conta a questão da evolução das espécies, filogénese e o lugar do homem nesta evolução, para ver como evoluem os níveis de consciência, os níveis de acção (dos reflexos aos comportamentos e dos comportamentos aos "actos de pessoa").

Para simbolizar esta complexidade e diversidade, aceitaremos duas citações de Malrieu. O primeiro é proposto na introdução do seu primeiro livro (a sua tese) sobre *Emoções e a personalidade da criança (de 0 a 3 anos)*. Como podemos definir o processo de adaptação a estas idades em rápido progresso?

Segundo o autor, "a conduta consiste na passagem da insatisfação e dos desejos à satisfação, através do *acto de adaptação*. É à interacção de fenómenos afectivos e *comportamentos de ajustamento ao mundo* que se deve o equilíbrio relativo em cada fase" (Malrieu, 1967, Introdução, p. 12). Esta definição para os primeiros anos de vida é agora utilizada por muitos autores como um objectivo para toda a vida, baseado numa filosofia hedonista e libertadora associada ao bem-estar e à qualidade de vida.

Na conclusão do seu último livro sobre *A Construção do Sentido nas Autobiografias*, Malrieu resume aquilo a que ele correctamente chama os "actos da pessoa", para além do comportamento e mesmo da conduta; aqueles actos que são realizados em situações críticas e que obrigam a pessoa a encontrar ou redescobrir o significado que dá à sua vida, à sua própria história, com referência a valores, e ligados às mais diversas aderências e compromissos.

"O indivíduo (...) *imagina o que* deve fazer libertando-se das *condutas* em que esteve envolvido, do seu significado limitado, para se envolver num *acto* de ruptura, o que lhe permite resignificar a sua história pessoal. Mas (...) só consegue fazê-lo em múltiplos diálogos com *tu* que o reorientas, (e tendo em conta) o imenso movimento social em que ele é apanhado. (Ele torna-se) um sujeito que debate com os outros, e dentro de si mesmo, sobre o futuro da humanidade. (Malrieu, 2003, p. 276). Esta estratégia estaria antes ligada a uma filosofia 'heróica' que se opõe bastante à filosofia hedonista do bem-estar.

Evidentemente, Malrieu considerou estas duas definições de comportamento humano como "adaptável" de acordo com as características das pessoas, dos contextos físicos ou sociais, e finalmente de acordo com os tempos e as culturas.

Em termos da possível progressão de uma psicologia ecológica, tomemos alguns exemplos. No seu livro "*Generation Me*"⁶⁰ publicado em 2006, Jean Twenge (Ms.) afirma que os membros da Geração Y (pós 68) se caracterizam por uma sobrevalorização das suas capacidades e um nível exagerado de auto-estima, um narcisismo exacerbado. Em 2009, Jean Twenge e W. Keith Campbell afirmaram mesmo a existência de um narcisismo epidémico baseado numa educação fundada na sobrevalorização individualista das crianças, que poderia mesmo explicar as origens da actual crise económica. Esta hipótese está aberta à discussão: os autores minimizam a existência de baixos níveis estáveis de auto-estima acompanhados de sofrimento psicológico e múltiplas dificuldades adaptativas. Além disso, Baumeister et al (2003), referindo-se à investigação com a Geração Y, declaram: "Não encontramos provas de que a construção da auto-estima (através de intervenções terapêuticas ou escolares) seja benéfica. Os nossos resultados não apoiam a promoção e extensão da auto-estima, na esperança de que isto possa melhorar o desempenho académico. Dada a heterogeneidade dos elevados níveis de auto-estima, elogios indevidos poderiam igualmente promover o narcisismo e as suas consequências indesejáveis." ⁶¹A sugestão de humildade de Twenge tem sido amplamente discutida. Por outro lado, a noção de 'auto-compaixão' (Schoendorff, 2009b), muito estudada hoje, em particular por Kristin D. Neff et al. (2009a, b, c), introduz novas hipóteses que poderiam reorientar a compreensão das ligações entre stress, coping e auto-estima.

Além disso, em 2008, Greenberg e Weber publicaram um livro intitulado "Generation We", ⁶²no qual são mencionados mil exemplos de empenho e mobilizações solidárias.

A oposição entre uma sociedade individualista (primazia do Eu) e uma sociedade solidária (primazia do Nós) não é nova, mas é enriquecida pela necessidade de compreender melhor a transacção entre o desenvolvimento sustentável e a defesa positiva. A emergência de uma psicologia ecológica baseada na complexa interacção entre o indivíduo, os grupos (com a diversidade cultural) e a Natureza parece poder contar hoje com a emergência paralela da *Psicologia Positiva* fundada por Martin Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi, 2000 ⁶³.

Bibliografia

(*Torneira e Sordes-Ader*)

Angelergues et al. *Psychologie de la connaissance de soi*, Paris, PUF, 1975

Barker, R. G, e Schoggen, P. *Qualidades da vida comunitária*. São Francisco, Califórnia; Jossey Bass; 1973

⁶⁰ Com um subtítulo significativo: "*Porque é que os jovens americanos de hoje são mais confiantes, assertivos, intitulados - e mais infelizes do que nunca*".

⁶¹ Citado em Schoendorff, 2009a

⁶² Mais uma vez com um subtítulo cativante: "*Como a juventude milenar está a conquistar a América e a mudar o nosso mundo para sempre*".

⁶³ Ver o *Journal of positive psychology* dedicado a promover a investigação e a promover as boas práticas. Publicado por Taylor e Francis Group. Editora: Routledge.UK

- Barker R, *Psicologia Ecológica*, Stanford, University Press, 1968
- Baubion-Broye, A., Malrieu, Ph. e Tap, P. "L'interstructuration du sujet et des institutions". *Bulletin de psychologie*, XL (379), pp. 435-447, 1987a
- Baubion-Broye, A., Malrieu, Ph. e Tap, P. "Les activités psychologiques dans les restructurations sociales" *Psychology and Education*, XI (1-2), pp. 11-22, 1987b
- Baumeister, R.F, Campbell, J.D., Krueger, J.I. e Vohs K.D. "Será que a auto-estima elevada causa melhor desempenho, sucesso interpessoal, felicidade ou estilos de vida mais saudáveis?" *Psychological science in the public interest*, vol.4 no.1, 1-44, 2003
- Beauvois J.L. e Joule, R.V. *Soumission et idéologies, psychosociologie de la rationalisation*, Paris, P.U.F. , 1981
- Bergeret, J. "Intervention au colloque suite au rapport de Pontalis: naissance et reconnaissance du self" in René Angelergues et al. *Psychologie de la connaissance de soi*, Paris, P.U.F., 1975, p. 299 a 312
- Bertenthal, B.I. e Fisher, K.W. Desenvolvimento do auto-reconhecimento no lactente". *Psicologia do Desenvolvimento* 15, 1978, pp. 44-50
- Bettelheim, B. *Le ceux concient*, Paris, Laffont, 1972
- . *Surviving*, Paris, Laffont, 1979
- Boesch, E.E., "La détermination culturelle de soi" in René Angelergues et al. *Psychologie de la connaissance de soi*, Paris, P.U.F., 1975, pp.99-119
- Boesch, E.E. *Acção simbólica. Fondements de la psychologie culturelle*. Paris, L'harmattan, 1995
- Boudon, R. "Adaptation sociale". *Enciclopédia Universalis Rubrica*, 2007
- Breakwell, G.M. (Ed) *Threatened Identities*. Chichester, Wiley, 1983
- Breakwell, G.M. *Coping with Threatened Identities (Lidando com Identidades Ameaçadas)*. Londres, Methuen, 1986
- Bresson, F. et al. *Les processus d'adaptation*, Paris, P.U.F., 1967
- Bronfenbrenner, U. *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Imprensa da Universidade de Harvard, 1979
- Bronfenbrenner, U. "The "Process-Person-Context-Time" Model in Developmental Psychology Research: Principles, Applications and Implications" in R. Tessier & G.M. Tarabulsy (Eds), *Le Modèle Écologique dans l'Étude du Développement de l'Enfant*. Ste-Foy, Quebec: Presses de l.U.Q. 1996, pp. 9-58.
- Cannon, W.B. *The Wisdom of the Body*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1932
- Cloutier, R. , Gosselin, P. e Tap, P. *Psychologie de l'enfant*. Montreal, Ed. Gaëtan Morin, 560 p.

Codol, J.P. La quête de la similitude et de la différence sociale. Une approche cognitive du sentiment d'identité" in Pierre Tap (ed.) *Identité individuelle et personnalisation*, Toulouse, Privat, 1980

Codol, J.P., e Tap, P. "Dynamique personnelle et identités sociales", *Revue internationale de Psychologie sociale*, 2, Avant-Propos, 1988, p. 167-172

Cofer, C.N. e Appley, M.H. *Motivação: Teoria e investigação*. Nova Iorque, Wiley, 1964.

Cooley, C.H., *a natureza humana e a ordem social*. New-York, ed. Charles Scribner's filhos, 1902 (revisto em 1922).

Csikszentmihalyi, M. *Flow: A psicologia da experiência ótima*. 1990. Tr. Fr. *Vivre. A Psicologia da Felicidade*. Paris, Robert Laffont, 2004

Damasio, A. R. A. *O próprio sentido do eu. Corpo, emoções, consciência*. Paris, Ed. Odile Jacob. 1999

Damasio, A. R. A. *A Spinoza tinha razão. Alegria e tristeza, o cérebro das emoções*. Paris, Ed. Odile Jacob, 2003

Doise, W. "Gender identity or difference", *International Journal of Social Psychology*, 2, 1988, pp. 287-290

Dumont, M. e Plancherel, B. (eds) *Stress et adaptation chez l'enfant*. Quebec, Presses Universitaires du Québec, 2001, 201 p.

Esparbès, S., Sordes, F, e Tap, P. "L'échelle toulousaine de coping: un instrument pour l'analyse des liens entre personnalisation et stratégies de coping". *Les stratégies de coping. Journées du Laboratoire " Personnalisation et changements sociaux "*, St Cricq, Actes, p. 89 à 107, 1993

Ferry, J.M. *Les puissances de l'expérience: 1. Le sujet et le verbe. 2. Les ordres de la reconnaissance*, Paris, Cerf, 1991, 1. 216 p.; 2. 254 p.

Ferry, J.M. *L'éthique reconstitutiva*. Paris, Cerf, 115 p., 1996

Fisher G.N. *Le ressort invisible, Vivre l'extrême*, Paris, Seuil, 1994

Fischer, K.W., Shaver, P.R., Carnochan, N, P., How emotions develop and how they organize development, *Cognition and Emotion*, 4, 1990, pp. 81 a 127.

Gibson, J. J. "The theory of affordances". Em R. Shaw & J. Bransford (Eds.), *Perceber, agir, e saber: Rumo a uma psicologia ecológica* (pp. 67-82). Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1977

Graziani, P e Swendsen, J. *Stress. Émotions et stratégies d'adaptation*. Paris, Colin, 2005

Greenberg, E. e Weber, K. *Generation We: How millennial youth are taking over America and changing our world forever*, Emeryville, CA Pachatusan. 2008

Honess, T. e Yardley, K. *Auto-identidade e identidade. Perspectivas em toda a Lifespanha*. Londres e Nova Iorque, Routledge & Kagan Paul. (Ver também Kindle Edition da Amazon, 2007).

Honneth, A. "L'autonomie décentrée" em Françoise Gaillard, Jacques Poulain e Richard Schusterman: *La modernité en questions*. Paris, Cerf, 2006, pp. 239-251

Honneth, A. *La lutte pour la reconnaissance*. Paris, Cerf, 2008a

Honneth, A. *A Sociedade do Desprezo. Rumo a uma nova teoria crítica*. Paris, La Découverte. 2008b

Jakubowicz, A. "Adaptação psicológica" *Encyclopaedia Universalis*, 2007

James, W. *Os princípios da psicologia*. New-York, Holt, Rinehart & Winston, 1890. Tr.fr. *Princípios da Psicologia*. Paris, Ed. Empêcheurs de penser en rond, 2003

Janet P. *The Psychological Evolution of Personality* (1ª edição) Chahine Edition, 1929 e também na coleção: "Les classiques des sciences sociales" Website:

http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html

Jarimowicz, M. "Perceived distance between self and others, and altruism", *International Journal of Social Psychology*, 2, 1988, pp.275-285

Joule, R.V e Beauvois, J.L. *Petit traité de manipulation à l'usage des honnêtes gens* Grenoble, PUG, 2002

Kelman, H.C. Compliance, identificação, e internalização: Três processos de mudança de atitude. *Journal of Conflict Resolution*, 2, no. 1. 1958: 51-60

L'écuyer, R. *Le développement du concept de soi de l'enfance à la vieillesse*. Montreal: Presse de l'Université de Montréal, 1994.

Lagache, D. "La psychologie : conduite, personnalité, groupe" in *Somme de médecine contemporaine*, Paris, Ed. Médicale, 1951 (reimpresso em Lagache, D. *Œuvres*, Tome II, Paris, PUF, 1979, pp. 305-332)

Lazarus, R.S. *Emoção e adaptação*. Nova Iorque, Oxford University Press, 1991

Lazarus, R.S. e Folkman, S. *Stress, avaliação e coping*. Nova Iorque, Springer, 1984

Lazarus, R.S. e Lazarus, B.N. *Passion and Reason: Making sense of our emotions*. Nova Iorque, Oxford University Press, 1994

Lehalle, H. (1995) *Psychologie des adolescents*. 4ª edição revista e ampliada. Paris, P.U.F.

Malrieu, P. *Les émotions et la personnalité de l'enfant*. (Terceira parte: as fases da personalidade e os níveis de consciência desde o nascimento até aos três anos). Paris, Vrin, 1967

Malrieu, P. "Genèse des conduites d'identité" em Pierre Tap (ed) *Identité individuelle et personnalisation*, Toulouse, Privat, 1980, p. 39 a 51

Malrieu, P. (ed) *Dynamiques sociales et changements personnels*, Toulouse, CNRS (Centré régional de publication). 1989

Malrieu, P. *La construction du sens dans les dires autobiographiques*. Toulouse, Erès, 2003

Marc, E. *Psicologia da identidade. Soi et le groupe*. Paris, Dunod, 2005

Marcia, J.E. "Identidade e auto-desenvolvimento" em Richard Lerner, Anne Peterson e Jeanne Brooks-Gunn (eds) *Encyclopedia of adolescence* (Vol. 1). Nova Iorque, Garland, 1991

Marcia, J. E. A abordagem do estatuto de identidade para o estudo do desenvolvimento da identidade do ego. Em T. Honess & K. Yardley (Eds.), *Self e identidade: Perspectivas ao longo da vida* (pp. 161-171). Londres: Routledge & Kegan Paul. 1987

Marcia, J. E. Difusão da identidade diferenciada. Em M. A. Luszcz & T. Nettelbeck (Eds.), *Psychological development: Perspectives across the life-span* (pp. 123-137). Dordrecht, Países Baixos: Elsevier. 1989

Marcia, J. E., Waterman, A. S., Matteson, D. S., Archer, S. A., & Orlofsky, J. L. *Ego identidade: A manual de investigação psicossocial*. Nova Iorque: Springer Verlag. 1993

Maturana, H. R. e Varela, F. J. *A árvore do conhecimento: As raízes biológicas da compreensão humana*. Boston: Publicações de Shambhala. 1987

Mead G.H. *Mind, self e Society do ponto de vista de um comportamentalista social*. 1934, 1ª edição. Nova tradução francesa: *L'esprit, le soi et la société*, Paris, P.U.F., Le lien social, 2006, 434 p.

Meyerson, I. *Funções e obras psicológicas*. Paris, Vrin, 1948

Meyerson, I. "Comportement, travail, expériences, œuvres", Hommage à Henri Piéron. *L'Année psychologique*, 1951, pp. 77-82

Meyerson, I. *Escritos. 1920 - 1983. Pour une psychologie historique*, Paris, P.U.F. 1987

Milgram, S. *Obediência à autoridade. Uma visão experimental*. New-York, Harper and Row, 1974 (tr. Fr. *Soumission à l'autorité*, Paris, Calmann-Lévy, 1974)

Montefiore, A. "Identité personnelle et identité culturelle" em Françoise Gaillard, Jacques Poulain e Richard Schusterman: *La modernité en questions*. Paris, Cerf, 2006, pp. 211-229

Morin, E. *Identidade humana. O método 5: A humanidade da humanidade*. Paris, Seuil, 2001

Neff, K. D. "The role of self-compassion in development: A healthier way to relate to yourself" (O papel da autocompaixão no desenvolvimento: Uma forma mais saudável de se relacionar consigo próprio). *Desenvolvimento Humano*, 52, 211-214. 2009a

Neff, K. D. & Lamb, L. M. "Self-Compassion". Em S. Lopez (Ed.), *The Encyclopedia of Positive Psychology* (pp. 864-867). Blackwell Publishing. 2009b

Neff, K. D. & Vonk, R. "Auto-compaixão versus auto-estima global: duas formas diferentes de se relacionar consigo próprio". *Journal of Personality*, 77, 23-50. 2009c

Pavelco, B. "Intervention dans la discussion du colloque sur l'adaptation" em François Bresson et al. *Les processus d'adaptation*, Paris, P.U.F. , 1967, p.168

Piaget, J. "Intelligence and biological adaptation" in François Bresson et al. *Les processus d'adaptation*, Paris, P.U.F., 1967, p.65-81 (+ intervenções na discussão: p. 148 a 151, 164 a 165).

- Pontalis, J.B. "Naissance et reconnaissance du self. Pour introduire à l'espace potentiel" in René Angelergues et al. *Psychologie de la connaissance de soi*, Paris, PUF, 1975, pp. 271-298
- Pronost, A.M. e Tap, P. "La prévention du burnout chez les infirmières et ses incidences sur les stratégies de coping". *Psychologie française*, 41-2, 165 - 172, 1996
- Pronost, A.M. e Tap, P. "Usure professionnelle et formation en soins palliatifs". *Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, n° 33, 1/97, 75 - 85, 1997
- Racamier, P.C. *Le moi, le soi, la personne et la psychose. Essai sur la personation*, L'Évolution Psychiatrique, vol 28, N° 4, 1965; reimpresso em L'Évolution Psychiatrique, 2007, N° 72
- Rasmussen, D. "Repensar a subjectividade: a identidade narrativa e o eu" em Françoise Gaillard, Jacques Poulain e Richard Schusterman: *La modernité en questions*. Paris, Cerf, 2006, pp. 253-263
- Reuchlin, M. *Les différences individuelles dans le développement conatif de l'enfant*. Paris, PUF, 1990
- Ricoeur, P. *Temps et récit 2*, Paris, Seuil, 1984
- Ricoeur, P. *Soi-même comme un autre*. Paris, Seuil, 1990
- Ricoeur, P. *Parcours de la reconnaissance*. Paris, Gallimard, 2004
- Ricqlès, A. de. "Adaptation biologique" Paris, *Encyclopaedia Universalis* 2007
- Rose, S. *Lifelines. Biologia para além do determinismo*. Nova Iorque, Oxford University Press, 1998
- Roszak, T. *A voz da Terra: uma exploração da ecopsicologia*. Nova Iorque, Simon & Schuster, 1992
- Roszak, T., Gomes, M.E., e Kanner, A.D. *Ecopsicologia: Restoring the Earth, Healing the Mind*, New York Sierra Club Books, 1995
- Sainsaulieu, R. *L'identité au travail*. Paris, Presse de la FNSP, 1977
- Schoendorff, B. "Pour en finir avec l'estime de soi". <http://souffranceaction.blogspot.com> 2009a
- Schoendorff, B. "Cultivar a auto-compaixão em vez da auto-estima". <http://souffranceaction.blogspot.com> 2009b
- Seligman, M.E.P. Depressão e desamparo aprendido em Friedman, R.J. e Katz, M.M. (eds.) *A psicologia da depressão: a teoria contemporânea e a investigação*. Nova Iorque. Wiley. 1974
- Seligman, M.E.P. *Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment*. Nova Iorque, Imprensa Livre. 2002
- Seligman, M. E. P.; Csikszentmihalyi, M. "Psicologia Positiva: Uma introdução". *Psicólogo Americano*. Vol. 55 (1), 2000, pp. 5-14.
- Sen, A. *Repensando a Desigualdade*. Paris, Seuil, 1992

Sen, A. *Identidade e Violência*. Paris, Ed. Odile Jacob, 2006

Sen, A. *A ideia de justiça*, Paris, Flammarion, 2010

Sordes, F., Esparbès, S., Tap, P. "Contrôle de soi et stratégies de développement: le coping en question. *Psychologie et éducation* (Association française des psychologues scolaires), 16, 81-96, 1994.

Sordes-Ader, F, Fsian, H., Esparbès, S., Tap, P. "Coping strategies and social desirability". *Aprendizagem Desenvolvimento*, n° 15/16, p. 165 a 173, 1995

Sordes-Ader, F. *Les conséquences psychologiques du cancer: anxiété, estime de soi, projets et stratégies de coping des adolescents*. Tese Nouveau Régime, Toulouse-Le-Mirail, 1996

Sordes-Ader, F. Esparbès-Pistre, S. e Tap, P. "Adaptação e estratégias de sobrevivência na adolescência. Étude différentielle selon l'âge et le sexe." edição especial "Adolescência". *Spirale (Revue de recherche en éducation)*, 20, 131-154, 1997

Sordes-Ader, F. e Tap, P. "Insegurança e vulnerabilidade socio-económica" *Pratiques psychologiques*, 4, 66 - 78, 2002

Sordes-Ader, F., Tap, P. e Vasconcelos, M. de "Précarité socio-économique, intégration sociale et vulnérabilité psycho-sociale : comparaisons franco-portugaises (recherche empirique)" em Pierre Tap e Maria de L. Vasconcelos *Précarité et vulnérabilité psychologiques*, Toulouse, Erès, 2004, p. 153 a 226

Tap, P. (Ed) *Identité individuelle et personnalisation*. Toulouse, Privat, 1980a

Tap, P. (Ed) *Identités collectives et changements sociaux*, Toulouse, Privat, 1980b

Tap, P. "Identidade, estilo pessoal e transformação de papéis sociais". *Boletim de Psicologia*, XL, 379, 1987a, pp. 399-403

Tap, P. "Crise et projet à l'adolescence" em Marc Bru e Louis Not (Ed) *Où va la pédagogie du projet?* Toulouse, Ed. Universitaires du Sud, 1987b, p. 169-207

Tap, P. *The Pygmalion Society? Integração social e realização pessoal*. (Prefácio de P. Malrieu), Paris, Dunod, 1988, 263 p.

Tap, P. "Socialisation et construction de l'identité personnelle" in Hanna Malewska-Peyre e Pierre Tap *La socialisation de l'enfance à l'adolescence*, Paris, P.U.F., pp. 49-73, 1991

Tap, P. e Antunes, S. "The paradoxical dynamics of professional identities" (2010, a publicar).

Tap, P., Esparbès, S. e Sordes-Ader, F. "Les stratégies de coping à l'adolescence: différences entre garçons et filles" in Myriam de Leonardis e Odette Lescarret (Eds) *Sexes et compétences*, Paris, L'Harmattan, 247 - 277, 1996

Tap, P. Esparbès-Pistre, S., Vasconcelos, M.L.V e Fonseca, M. "A influência das dificuldades de orientação na auto-estima dos estudantes do ensino secundário. *Congresso Mundial da Associação Internacional para a Orientação Educativa e Profissional (IAEVG)* Lisboa, 2005a, CD p.38.

Tap, P., Hipolito, J e Nunes, O. "Auto-estima e aspirações dos estudantes fumadores e não fumadores" *XIª Conferência Europeia de Psicologia do Desenvolvimento*. Milano, p.350. 2003

Tap, P., Hipolito, J., Melo, C. e Tecedeiro, M. "Escala de Toulouse e escala de estimativa de si de Rogers: Comparação entre fumadores e não fumadores" *5º Congresso Nacional de psicologia da Saude* "A psicologia da saude num mundo em mudança". Lisboa, p. 16, 2004

Tap, P., Hipolito, J., Nunes, O. e Santos, R. "Poruguese validation of the Rogers scale of self-esteem (UAL) and the Toulouse new scale of self-esteem (NETES). 9º Conferência da Associação Europeia para a Investigação na Adolescência (EARA), Porto, p.16. 2004b

Tap, P., Hipolito, J., Pires, P., Brites, R., Pires, M. "Uma nova escala de autoestima (Serthual)" *6º Congresso Nacional de psicologia da saude. N° 187*, p. 157. 2006

Tap, P. e Levêque, G. "Le stress, la séropositivité et le sida" *Médecine du Travail* (Revue du Syndicat National Professionnel des médecins du Travail, 167, 1, 35-42, 1996

Tap, P. e Pronost, A.M. "Stress, coping, burnout". *Médecine et Travail* (Revue du Syndicat National Professionnels des médecins du travail), 167, 1, 43-50, 1996

Tap, P., Sobal Costa E. & Alves, M. N. "Escala Toulousiana de coping (ETC): estudo de adaptação à população portuguesa" *Psicologia, saude & doenças*, 6 (1), 47 - 56, 2005

Tap, P. e Vasconcelos, M. de L. *Precariedade e vulnerabilidade psicológica. Comparações franco-português*. Toulouse, Erès, 2004

Twenge, J. M. *Generation Me: Why today's young Americans are more confident, assertive, entitled -- and more miserable than ever before*. 2006, New York: Free Press.

Twenge, J. M. e Campbell, W. K. *A epidemia de narcisismo: viver na era do direito*. Nova Iorque: Imprensa livre. 2009

Twenge, J.M., Catanese, K.R., & Baumeister, R.F. "Social exclusion and the deconstructed state: Time perception, meaninglessness, lethargy, lack of emotion, and self-awareness". *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 2003, 409-423.

Twenge, J. M., Catanese, K. R., & Baumeister, R. F. "A exclusão social causa um comportamento de autodestruição". *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 2002, 606-615.

Twenge, J.M., Catanese, K.R., & Baumeister, R.F. "Social exclusion and the deconstructed state: Time perception, meaninglessness, lethargy, lack of emotion, and self-awareness". *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 2003, 409-423.

Vanandruel, M. "Le socialisation de soi". Approche psychosociale: le sentiment de valeur personnelle" em Hanna Malewska-Peyre e Pierre Tap *La socialisation de l'enfance à l'adolescence*. Paris, P.U.F. 1991, p. 129-161

Varela, F. J. , Maturana, H. R., e Uribe, R. Autopoiesis: a organização dos sistemas vivos, a sua caracterização e um modelo. *Biosystems* 5 187-196. (Um dos trabalhos originais sobre o conceito de autopoiesis). 1974

Varela, F., Thomson, E. e Rosch, E. *A mente encarnada*. MIT Press, 1991. Tr.fr. Varela F., Thompson E., Rosch E. *A inscrição corporal da mente. Ciência cognitiva e experiência humana*, trans. V. Havelange, Paris, Seuil, 1993

Vasconcelos, M.de L., Fonseca, M., Santos, R. e Tap, P. "Auto-estima entre os pacientes portugueses dos Centros de Saúde: a questão metodológica sobre a inversão da pontuação nas respostas aos itens negativos. 19th Conferência anual da Sociedade Europeia de Psicologia da Saúde. Galway, Irlanda. Livro de Resumos: *Psychology & Health Official Journal of EHPS*, p. 59, 2005

Wallon, H. *Les origines du caractère chez l'enfant*. (terceira parte: autoconsciência). p. 239 a 291) . 6ª Edição Paris, P.U.F. 1976a

Wallon, H. "Niveaux et fluctuations du moi", *Enfance, número especial*. 1976b, pp. 349-359

Wallon, H. "Le rôle de l'autre dans la conscience du moi". *Enfance, número especial*. 1976c, p. 279-286

Widlöcher, D. "Le développement de la personnalité". Point de vue psychanalytique" em Hélène Gratiot-Alphandery e René Zazzo (Eds) *Traité de psychologie de l'enfant (Tome V)*, Paris, P.U.F., 1973

Wikipédia *Uma abordagem ecológica da percepção visual*. (Gibson e possibilidades). 2007

Zavalloni, M. *Ego-ecologia e identidade: uma abordagem naturalista*. Paris, P.U.F. 2007

Zazzo, R. "La genèse de la conscience de soi" em Angelelrgues et al. *Psychologie de la connaissance de soi*. Paris, P.U.F., 1975, p. 145 a 188

Zazzo, R. "Les dialectiques originelles de l'identité" in Pierre Tap (ed) *Identité individuelle et personnalisation*, Toulouse, Privat, 1980, pp. 207-218

==--==--==--==--==--==--==--==--==